



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES**

ELISABETH MONTEIRO GUEDES

**LEITURA E ESCRITA NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM DO
ENSINO MÉDIO**

JOÃO PESSOA

2014

ELISABETH MONTEIRO GUEDES

**LEITURA E ESCRITA NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM DO
ENSINO MÉDIO**

**Monografia apresentada à Coordenação do
Curso de Especialização em Fundamentos da
Educação: Práticas Pedagógicas
Interdisciplinares, ministrado pela Universidade
Estadual da Paraíba, em cumprimento à
exigência para a obtenção do título de
Especialista, sob a orientação do Prof. Ms.
Flaviano Maciel Vieira.**

ORIENTADOR: Prof. Ms. Flaviano M. Vieira

João Pessoa – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

G924l Guedes, Elisabeth Monteiro
Leitura e escrita no processo ensino - aprendizagem do ensino médio [manuscrito] : / Elisabeth Monteiro Guedes. - 2014.
40 p.

Digitado.

Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.

"Orientação: Prof. Me. Flaviano Maciel Vieira, Departamento de Educação".

1. Leitura. 2. Escrita. 3. Ensino. I. Título.

21. ed. CDD 372.423

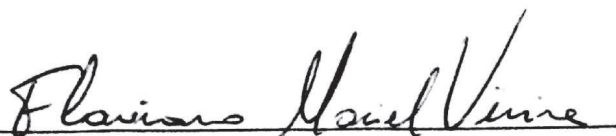
Elisabeth Monteiro Guedes

LEITURA E ESCRITA NO ENSINO-APRENDIZAGEM DO ENSINO MÉDIO.

Monografia apresentada ao curso de especialização da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Especialista em Educação.

Aprovada em 26/07/2014.

Banca examinadora



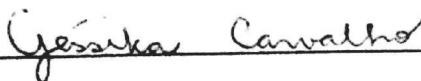
Prof. Ms. Flaviano Maciel Vieira

Orientador



Eneida Gurgel de Araújo

Examinadora



Géssika Cecília Carvalho

Examinadora

João Pessoa – PB

2014

DEDICATÓRIA

Dedico a Deus que está presente em todos os momentos da minha vida;

Aos meus filhos pelo companheirismo e pela dedicação transmitida durante esta etapa da minha vida.

A leitura da palavra é sempre precedida da leitura do mundo. E aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo.

Paulo Freire

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus, por estar presente em todos momentos, iluminando-me e sendo sempre meu refúgio nos momentos difíceis. A Ele, a minha eterna gratidão.

Agradeço em especial à minha família, aos meus filhos Diniz, Divanize, Denize e Diva, e aos netos Lucas e Maria Carolina pelo apoio e carinho para que eu viesse a concretizar esse projeto.

Ao meu orientador, o professor Ms. Flaviano Maciel Vieira, por seu apoio no amadurecimento dos meus conhecimentos que me levaram à execução e conclusão desta monografia.

Aos meus professores que integram a Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, que muito contribuíram para fortalecer-me na batalha diante de tantas dificuldades para chegar ao término com sucesso.

Registro aqui meus agradecimentos a todos que compartilharam o trilhar de mais esse caminho, contribuindo direta ou indiretamente para que esta pesquisa viesse a ser realizada, dando-me forças e auxiliando-me nos momentos em que mais necessitei.

RESUMO

A presente pesquisa busca discutir a importância do processo de aprendizagem da leitura e da escrita, além de contribuir para melhorar o desempenho nas produções textuais de alunos do Ensino Médio. Partindo de leituras de diversos livros de autores reconhecidos que dedicam-se a estudos e analisam o tema aqui discorrido, podemos focalizar as dificuldades existentes, como também buscar estratégias para colaborar diretamente e obter resultados satisfatórios de aprendizagem. Sendo assim, os objetivos desta pesquisa visa investigar as relações entre os níveis de leitura e da escrita para o desenvolvimento cognitivo dos educandos e proporcionando uma integração no ambiente escolar, levando-o a despertar o interesse pelos estudos e alcançar um desempenho satisfatório em sua aprendizagem, e em situações que a vida venha lhes oferecer em seu cotidiano, diante de uma sociedade letrada.

Palavras chaves: Leitura, Escrita, Ensino.

ABSTRACT

This research aims to discuss the importance of the learning of reading and writing process, and contribute to improve performance in the textual productions of High School students. Starting with readings of several books of renowned authors who devote to study and analyze the subject discoursed here, we focus on the difficulties, but also seek strategies to collaborate directly and obtain satisfactory learning outcomes. Thus, the objectives of this research aims to investigate the relationships between levels of reading and writing to the cognitive development of students and providing integration at school, causing him to awaken the interest in studies and achieve satisfactory performance in their learning and in situations that life may offer them in their daily lives, facing a literate society.

Keywords: Reading, Writing, Teaching.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. A LEITURA NO ENSINO MÉDIO	12
1.1A importância da leitura	12
1.2 Conhecimentos prévios da leitura	15
1.3O processo de aprendizagem da leitura	17
1.3 A leitura na escola	19
1.5 A prática da leitura	21
1.6 Didáticas específicas para formação de leitores	23
2. A ESCRITA NO ENSINO MÉDIO	24
2.1Compreendendo a produção textual	24
2.2Reflexão sobre o ensino da produção de texto na visão tradicional	26
2.3Percepções sociocognitiva e sociointeracionista de escrita	29
2.4Os gêneros textuais no discurso	32
2.5 Coesão e coerência na prática de produção textual	33
2.6 A escrita na perspectiva socionteracionista: implicações para o ensino.....	36
3.CONCLUSÃO	38
REFERÊNCIAS	40

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como objetivo uma leitura crítica de textos que abordam aspectos acerca das dificuldades de aprendizagem e também discorrerá sobre práticas de leitura e escrita visando um melhor desempenho para o processo de aprendizagem de alunos de Ensino Médio com uma visão na Educação Básica do Estado brasileiro.

Nós professores enfrentamos várias dificuldades, uma delas é que nossos alunos não têm interesse em compreender e aprender o que tentamos ensinar-lhes. Às vezes pensamos que as condições em que trabalhamos não são adequadas para o processo de aprendizagem do aluno, por isso que o principal desafio do professor será ensinar habilidades de leitura e escrita dentro deste processo, fazendo com que o aluno seja motivado e levado a apropriar-se do código escrito e do letramento ao mesmo tempo.

O compêndio *Linguística Aplicada ao Português no Ensino Médio: reflexões teórico-metodológicas* oferece ao professor de nossa língua materna um referencial teórico-prático para a abordagem da língua portuguesa, considerada aqui como instância em que e por meio da qual os sujeitos sócio históricos interagem e partilham visões de mundo e de pontos de vista. A leitura e a escrita são, conseqüentemente, concebidas como atividades que demandam o conhecimento da língua não apenas em seus aspectos estruturais, mas também em suas dimensões textuais, pragmáticas e discursivas.

Diante de uma sociedade exigente, a leitura se faz necessário no cotidiano do indivíduo, levando-o a despertar o interesse pelos estudos e alcançar um desempenho satisfatório em sua aprendizagem. No contexto escolar a leitura e a escrita são de uma importância fundamental, para isso se faz necessário enfatizar o quanto a leitura e escrita estão presentes em todos os conteúdos.

Nesse processo de aprendizagem da leitura e escrita destacamos uma diversidade de linguagens que precisam ser estudadas. Para isso o professor deve utilizar estratégias tornando assim um meio viável ao processo de aprendizagem do aluno, criando momentos lúdicos que atraiam os alunos ao mundo da leitura, fazendo com que tornem-se leitores-escritores críticos e formadores de opiniões.

No primeiro capítulo, faremos uma reflexão sobre o processo de leitura, como prática a ser desempenhada na disciplina de Língua Portuguesa, ministrada no Ensino Médio. Aqui conceituamos leitura não no sentido amplo, mas como atribuições de sentidos, permitindo ao leitor a possibilidade de aprender o sentido de um texto, adquirindo em sua formação o hábito da leitura e, conseqüentemente, da escrita. Quando se assume uma expectativa discursiva em relação à leitura, deve-se assumir a complexidade do ato de ler, porque fazer uma leitura não é apenas um simples ato de decodificação de um produto pronto, mas um procedimento de significado de um texto. Assim sendo, o objetivo desta pesquisa é refletir sobre a partir a leitura de diferentes perspectivas através dos teóricos de forma a cimentar as atividades propostas em sala de

aula. Por conseguinte, as práticas pedagógicas que abrangem o campo da leitura devem ter como finalidade práticas que levem o aluno a ler textos diversificados e que procurem analisar os aspectos verbais e não verbais do texto acrescentando informações. Então, pressupomos que se a escola assumir que a leitura deve ser trabalhada como qualquer gênero, os resultados acerca da compreensão e interpretação textual serão surpreendentes.

O segundo capítulo consiste em reflexões sobre o processo de ensino-aprendizagem com enfoque sobre a produção oral e escrita no contexto escolar, especificamente no Ensino Médio, posto que nesta fase, em geral, o educando não dispõe suficientemente de informações para organizar sua produção textual. No entanto, professores de Língua Portuguesa, no que diz respeito à abordagem de trabalhos com textos já vêm proporcionando resultados satisfatórios, sob o ponto de vista teórico-metodológico. Todavia, ainda somos sabedores que há limitações no ensino dessas práticas pedagógicas que precisam ser superadas, pois precisamos de sujeitos competentes na produção de diversos gêneros textuais. Nesse sentido, o professor possuindo um conhecimento teórico e metodológico, poderá contribuir para o aprimoramento e a consolidação da produção textual do educando,

Diante do que foi mencionado, esta pesquisa mostra-se importante na medida em que colabora diretamente com alunos do Ensino Médio, com vistas a um equilíbrio na prevenção e intervenção por parte de educadores no entendimento e compreensão das dificuldades da aprendizagem da leitura e escrita, contribuindo assim para um pleno desenvolvimento dos alunos e proporcionando uma integração no ambiente escolar, levando-o a despertar o interesse pelos estudos e alcançar um desempenho satisfatório em sua aprendizagem, e em situações que a vida venha lhes oferecer em seu cotidiano, diante de uma sociedade letrada.

1. A LEITURA NO ENSINO MÉDIO

1.1 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA

Ler, segundo Freire (2009), não é caminhar sobre as letras, mas interpretar o mundo e poder lançar sua palavra sobre ele, interferir no mundo pela ação. Ler é tomar consciência. A leitura é antes de tudo uma interpretação do mundo em que se vive. Então, buscamos evidenciar nesta pesquisa o estudo da leitura em seus diferentes aspectos expondo a importância da criação do hábito de ler. A leitura é de suma importância para o aprendizado, pois leva ao leitor o conhecimento científico e o conhecimento de mundo, propiciando ao leitor novas informações, enriquecendo seu vocabulário e contextualizando novas expressões. Fazendo isso o leitor envolve-se com ideias as quais poderão lhe dar embasamento para que possam compreender outras culturas, para seu aprendizado na vida. A leitura é um dos principais instrumentos para que o indivíduo arquitecte seu conhecimento e venha instruir o exercício da cidadania. A leitura também consente o exercício da fantasia e leva quem lê a construir um mundo imaginário, em que pode exercer sua reflexão crítica promovendo e contestando as ideias. Somos sabedores que a leitura é uma condição prévia para a escrita, pois bons leitores são bons escritores, logo suas produções textuais são dinâmicas. O ato de ler vai além da leitura das letras, das palavras. Através da leitura avaliamos os nossos valores e eventuais experiências, podemos conhecer melhor o mundo. Ler é essencial. Para Koch:

A concepção e língua como representação do pensamento corresponde a de sujeito psicológico, individual, dono de sua vontade e de suas ações, ou seja, o sujeito tem uma representação mental e quer que o leitor capte as suas intenções, ideias e emoções através do texto, da maneira que foi idealizada pelo autor. Por sua vez, o sujeito determinado, “assujeitado” pelo sistema, é caracterizado pela ausência dessa representação mental. (KOCH, 2002, p. 13/14)

Fundamentado no que a autora descreve, a leitura é uma atividade de compreensão e entendimento de conceitos de um texto e das experiências e conhecimentos do leitor. As ideias expostas no texto pelo autor serão captadas pelo leitor. Então, para entender a língua como código, e como uma ferramenta de comunicação entre autor e leitor, faz-se necessário saber fazer o uso do código, ou melhor, entender as ideias do autor e os sentidos das palavras e também a estrutura do texto. Sendo assim, o leitor caracteriza-se pela atividade de reconhecer e reproduzir o que está escrito.

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo que se sabe sobre a língua: característica do gênero, do suporte, do sistema de escrita, etc. Não se trata apenas simplesmente de extrair informação da escrita, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente, compreensão na qual os

sentidos começam a ser construídos antes da leitura propriamente dita. (PCN's, 1997 p.53)

A leitura é uma das habilidades mais importantes e fundamentais para o indivíduo, pois é a partir da leitura de mundo que o indivíduo pode compreender a realidade em que ele está inserido. Entretanto, estudos comprovaram que são uma minoria de nossos educandos que têm o gosto pela leitura sem ser imposta, quer seja pelos pais ou professores. Portanto, é indispensável que o aluno em sua formação passe por várias fases lendo diferentes gêneros, com o objetivo de se apropriar daquilo que ele está lendo e trazendo para sua realidade, fazendo inferências, só assim poderá ser um leitor hábil e capaz de expor seu ponto de vista e construir seu próprio conhecimento. Para Bakhtin:

A concepção sócio cognitivo-interacional de língua que privilegia os sujeitos e seus conhecimentos em processos de interação – é o texto em que o sentido não está lá, mas é construído, considerando-se, para tanto, as “sinalizações” textuais dadas pelo autor e os conhecimentos do leitor, que durante a leitura deve assumir uma atitude “responsiva ativa”. (BAKHTIN 1992, P.290)

Então, esperamos que o leitor procure ser um sujeito crítico diante do que está lendo, para que venha desfrutar expectativas e dê sentido e significado ao que se lê. É esse tipo de leitura que coloca em discussão a importância da leitura na construção do senso crítico e dissertativo de uma sociedade. O autor nos lembra que a constante interação entre o conteúdo do texto e o leitor é regulada também pela intenção com que lemos, ou seja, pelos objetivos da leitura. Geralmente lemos porque queremos informações, fazer um trabalho acadêmico, ou lemos por puro prazer. São os motivos que nos levam a leitura que irão direcionar a forma de ler e entender o sentido do texto.

Segundo KOCH (2002), o texto depois de escrito tem uma existência independente do autor. Entre a produção do texto e a leitura pode existir muito tempo, fato que pode interferir no sentido do texto. Pode ser também que o texto seja lido em um lugar distante ou em épocas diferentes, sendo reescrito várias vezes, mudando o modo da escrita, com o objetivo de atender os variados tipos de leitores. Então, ao fazer uma leitura, o leitor recebe informações que irão resultar no processo de compreensão. A leitura é um processo ativo por natureza, através do qual o leitor constrói o significado do texto.

Segundo (SOLE, 1998), a leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto para satisfazer um propósito ou finalidade. Dessa forma entende-se que a leitura implica no reconhecimento de que o significado não está no texto, mas no que é interpretado a partir de sua interação com a informação visualizada.

Uma estratégia de leitura é um amplo esquema para obter, avaliar e utilizar informações ao realizar um trabalho ativo de construção do significado do texto, o leitor lança várias estratégias de relação de antecipação de inferência e verificação. (SMITH in: Solé, 1998, p.69)

O leitor pode compreender e até mesmo interpretar um texto a partir de seus conhecimentos prévios, pois a leitura tem como uma das características o conhecimento já adquirido pelo leitor. Esta leitura é considerada como um processo interativo, podendo-se assim dizer que sem os conhecimentos prévios do leitor não existirá compreensão. O conhecimento linguístico, que envolve todo conhecimento da língua adquirido informalmente, nada mais é que o acúmulo de experiências na vida social como também o conhecimento textual que é obtido a partir do contato com os gêneros textuais, fazendo despertar uma reflexão sobre o uso dos conhecimentos partilhados entre leitor e autor.

Um leitor competente sabe selecionar dentre os textos que circulam socialmente, aqueles que podem atender a sua necessidade. O leitor competente é capaz de ler as entrelinhas identificando, a partir do que está escrito, elementos implícitos estabelecendo relações entre o texto e seus conhecimentos prévios ou entre outros textos já lidos. (PCNs, 1998, p. 69-70)

Sendo assim, a aprendizagem da leitura e da escrita ocorrerá de uma forma processual, proporcionando uma aprendizagem significativa aos educandos, que aprendem e vivenciam ações inovadoras, em um convívio estimulante com a leitura, para que possam ampliar o conhecimento. Crianças que convivem em ambientes povoados de livros de pessoas que tenham o hábito de ler são mais eficazes em suas experiências escolares. Tornam-se cidadãos críticos e conscientes, para isso vai depender de uma estrutura formada na boa leitura e escrita. Então, se faz necessário que nossos educandos busquem pelo hábito da leitura não só no ambiente escolar, como também em seu cotidiano.

1.2 CONHECIMENTOS PRÉVIOS DA LEITURA.

Ao se iniciar uma leitura, nossa mente fica ativa ao processo que se inicia dando significados aos agrupamentos de sílabas, frases e assim sucessivamente até constituir um texto, mas para que este processo se concretize, fazemos uso dos conhecimentos prévios, ou seja, fazemos uso daquilo que já sabemos, sem isto não há compreensão. Como por exemplo se o leitor tiver um conhecimento linguístico (vocabulário, regras ortográficas, textuais) e se esses conhecimentos forem insuficientes para o leitor, mas sendo ele capaz de ativar outros tipos de conhecimentos, que são adquiridos informalmente, com base em suas experiências e convívio na sociedade, dando um auxílio para que ele possa vir a compreender o texto.

A compreensão de um texto é um processo que se caracteriza pela utilização de conhecimento prévio: o leitor utiliza na leitura o que ele já sabe, o conhecimento adquirido ao longo de sua vida. (KLEIMAN, 2002, p. 13)

O conhecimento prévio é importante, pois se o leitor não possui conhecimentos apropriados para entender e criticar um texto objeto de estudo, mas se ele conhece um pouco sobre o conteúdo que o texto traz, ou se já ouviu alguém argumentando sobre tal contexto, então o leitor não sentirá muitas dificuldades em entender o conteúdo que o texto traz.

Ensinar para compreender a palavra é necessário primeiro compreender o mundo, pois utilizando-se de seus conhecimentos anteriores o leitor estabelecerá uma relação integrada com o texto que lhe permitirá atribuir seu significado. (FREIRE, 1996, p.10)

A leitura não pode ser mais vista como um objeto de decodificação de mensagens, pois a leitura faz com que o indivíduo obtenha informações, ampliando seus conhecimentos intelectuais e sociais. Desta forma a leitura passa a ser um processo cognitivo que depende da participação de cada um, entrando em cena seus conhecimentos prévios.

Segundo Ângela Kleiman (1989, p.15 / 27), “o conhecimento prévio na leitura” destaca a importância dos conhecimentos preliminares na compreensão textual, sendo considerada um processo interativo. Assim, discute a importância desses conhecimentos que se manifestam no percurso da leitura, apresentando inicialmente o conhecimento linguístico.

Para compreender um texto, o leitor precisará questionar as informações prévias, em interação com conhecimentos da área linguística e também com o conhecimento de mundo, de modo que as ideias tenham um sentido coerente.

Sendo assim, compreende-se que em um dado texto, se o leitor não possuir conhecimento na área linguística ele não conseguirá perceber as inferências entre seus conhecimentos e o texto que lhe são exibidos. Sendo o conhecimento linguístico precário, o texto tornar-se incompreensível aos olhos do leitor, porém o que irá auxiliar o leitor será seu conhecimento de mundo.

O conhecimento linguístico é aquele *implícito, não verbalizado* que faz com que falemos português como falantes nativos. É o conhecimento compreensivo que envolve a pronúncia, vocabulário, normas e uso da língua. (KLEIMAN, 1997, p.13)

Cabe, portanto, à escola viabilizar o acesso do aluno ao universo dos textos que circulam socialmente, ensinar a produzi-los e interpretá-los. Incluindo-se os textos das diferentes disciplinas, com os quais os alunos se defrontam no seu cotidiano escolar e, mesmo assim não conseguem manuseá-los, pois não há um planejamento com essa finalidade. Em consequência, o aluno não é capaz de utilizar textos cuja finalidade seja compreender um conceito, apresentar uma nova informação, argumentar a favor ou contra uma determinada hipótese (P.C.N.s,1998, p. 30/31).

Sendo assim, faz-se necessário que no momento da leitura todas as disciplinas tenham a responsabilidade de ensinar ao leitor como ele deve utilizar os diversos tipos de textos de que fazem uso. Não basta tão-só ler o texto, mas compreendê-lo e utilizar-se desses conhecimentos para vida.

1.3 O PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA LEITURA

Para Solé (1998), os primeiros passos para aprender a ler compreendem um aprendizado mais natural do que se costuma pensar, mas tão exigente e complexo como a própria vida. Ler é um processo que ativa a criatividade por meio de um processo dialógico indo de encontro com a experiência, e o conhecimento prévio do leitor, bem como as informações proporcionadas pelo texto e pelo contexto em que este processo é realizado. Para Délia Lenner:

Aprender a ler e escrever na escola deve transcender a decodificação do código escrito, deve fazer sentido e estar vinculado à vida do sujeito, deve possibilitar a sua inserção no meio cultural a qual pertence, tornando-o capaz de produzir e interpretar textos que fazem parte de seu entorno. (LENNER, 2002, P. 18)

Assim sendo, a leitura é uma ferramenta que nos permite ter acesso a uma diversidade de interpretações abarcando novos costumes culturais. Independente da área ou disciplina, a leitura é um processo de descoberta que dirige o indivíduo a domínios e percepções, todavia a boa leitura é aquela que gera conhecimentos. Segundo Smith (1999, p72), “é aquela em que os leitores dão significados ao que leem, empregando o seu conhecimento prévio do assunto e da linguagem do texto”.

Algumas pessoas leem porque estão buscando uma informação, outras porque querem conhecer o pensamento alheio, outras ainda leem a fim de “sonhar” ou divertir. Qualquer que seja o motivo para alcançar o objetivo desejado é importante que a leitura seja mais eficiente possível. (SOUSA; CAVÉQUIA, 2002, p.51)

Atualmente, um dos grandes desafios dos professores é conscientizar a importância do hábito da leitura aos alunos, pois ela é uma ferramenta importante. Fato é que faltam aos educandos o senso crítico na organização de seus pensamentos e conseqüentemente na escrita. Mesmo em pleno século XXI, com o uso de computadores, *tablets*, internet, a leitura e a escrita não perderam sua importância social.

A leitura é um instrumento útil que nos aproxima da cultura letrada e permitindo nos continuar aprendendo a partir das multiplicidades de situações. (CARJAVAL, 1995, p. 49)

A leitura é uma atividade fundamental desenvolvida nas escolas para a formação dos aprendentes, na realidade essa atividade não vem sendo cumprida e confunde o processo de ler como ato de decifrar códigos, sendo assim as escolas que não leem para seus alunos não lhes dá oportunidade, e está fadada ao insucesso, e conseqüentemente não formam leitores formadores de opiniões. A falta de interesse pela leitura tem origem na pré-escola, porém estudos revelam que isso se dá ao tipo de literatura que é oferecida, o que ocasiona uma rejeição pela leitura, comprovando que a leitura não foi ativada no período da formação do aprendente.

Para que se efetue a prática da leitura a escola deve promover uma prática constante dela, organizada em torno de uma diversidade de textos infantis. O ideal é que o professor seja um leitor e que esteja sempre atualizado em relações a novas publicações. (MAGALHÃES, 2002, p. 48).

A leitura é também um processo de descoberta, quando feita com um objetivo de buscar o saber científico ou pode ser simplesmente superficial, ou seja, sem grandes pretensões, bem como uma atividade lúdica.

Portanto, para que o processo de ensino aprendizagem de leitura seja bem sucedido faz-se necessário que a comunidade escolar, bem como seu corpo docente, busquem inovar em seus planejamentos que os educandos sejam bons críticos e formadores de opiniões, bem como também tenham o gosto e façam da leitura um hábito prazeroso.

1.4 A LEITURA NA ESCOLA

Um dos principais objetivos do ambiente escolar é fazer com que o educando aprenda a ler corretamente, pois a conquista desta ferramenta será imprescindível na sua

vida social. Então se faz necessário o incentivo da leitura, e de ter um contato com os livros, ou melhor, um comprometimento cultural, deste modo nosso educando poderá ver o mundo de uma maneira diversificada, sonhando, criando asas intelectuais, ou melhor, tendo o reconhecimento do que se lê.

Leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra. O ato de ler se veio dando na sua experiência existencial. Primeiro, a “leitura” do mundo do pequeno mundo em que se movia; depois, a leitura da palavra que nem sempre, ao longo da sua escolarização, foi a leitura da “palavramundo”. (FREIRE, 2006, p. 12)

A ideia de descobrir o novo assemelha-se a um emaranhado de relações significativas, entre coisas, fatos e conceitos através da leitura, que ao longo do tempo, com o hábito da leitura vão se construindo relações e conexões diversificadas na vida do leitor.

No século XV quem tinha acesso aos livros era apenas uma minoria, ou seja, os sábios e estudiosos que pertenciam à classe intelectual da sociedade. Na época, os livros eram reservados nas igrejas em pequenas bibliotecas, pois apenas esta classe tinha acesso.

Nas últimas décadas o aumento da produção e o consumo de livros foram significativos, atualmente o acesso aos livros são viáveis a todas as camadas sociais. Sabemos em nossa consciência que a leitura é um dos agentes capazes de transformar o indivíduo.

A leitura é uma ferramenta que contribui para a formação de um indivíduo crítico, desde que não seja apenas uma ação decodificadora e sim interpretativa, ou melhor ao explorar um determinado texto o indivíduo possa estabelecer discussões que venham estimular a leitura crítica e assim inseri-lo em um contexto social. A escola deve estimular e motivar a leitura para que venha fortalecer a formação do indivíduo, pois a leitura é um instrumento de difusão de valores, de imaginação e criatividade.

Ações pautadas no ato de ler, nas últimas décadas, vêm sendo discutidas, pois, como sabemos, ler no século passado era restrito, lia-se em ambiente fechados, ou seja, às escondidas, pois nem todo indivíduo tinha acesso aos livros. Atualmente, podemos dizer que a leitura é indissociável da escrita, entretanto o ambiente escolar sempre foi o passaporte responsável pela transmissão de um conhecimento consagrado para corroborar no processo de aprendizagem da leitura e da escrita, enquanto o professor é apenas um mediador que fará o papel de facilitador, ou seja, será leitor e escriba para que o indivíduo possa desenvolver a leitura e a escrita, que muito necessitam desta intervenção.

No processo inicial da aprendizagem da leitura e da escrita, quando as crianças não entendem e erram, os erros não devem ser considerados como certo ou errado, pois as mesmas encontram-se em processo de construção, então o professor deve compreender e ajudá-las a ampliar seus conhecimentos sobre o Sistema de Escrita e Alfabética, pois os antigos métodos de alfabetização tinham uma outra visão, ou seja, as crianças precisariam

apenas ter habilidades perceptivas e motoras até memorizar o vocábulo. Privando-o de desenvolver seu nível de letramento.

A seguir veremos um exemplo de atividade feita com livros dos acervos complementares a partir do qual as crianças foram estimuladas a refletir sobre as habilidades de leitura, abordando diferentes temas ou conteúdos. Foram pensados para oportunizar um convívio íntimo e cotidiano com as crianças em sala de aula.

[...]verdadeiras janelas, de onde o aluno da escola pública poderá, exatamente como a criança frequentadora de livrarias, ter uma visão representativa do que a cultura escrita lhe reserva de interessante. O contato com os livros, e ainda mais o uso frequente dos acervos em sala de aula, propiciará às crianças uma experiência cultural única – a de explorar, com a mediação do professor, mas também por conta própria o mundo dos livros. (BRASIL – MEC, 2010, P.10)

Desse modo, a manipulação dos livros constante pelas crianças faz com que as escolas proporcionem um acesso privilegiado à cultura da escrita e da leitura, constituindo-se numa ferramenta poderosa no processo de letramento, determinante para o sucesso escolar e/ou ainda podem prestar excelentes serviços para reflexão que o aluno deve fazer sobre a escrita, no processo de aquisição do Sistema de Escrita e Alfabética

1.5 A PRÁTICA DA LEITURA

“As reflexões construídas sobre a leitura enfatizam que ler é reescrever o que lemos, descobrindo a relação entre o texto, o seu contexto e o contexto do leitor “(PCNs, 2007, p.35).

O educando ao ler não está desenvolvendo estratégias de leituras, mas exercendo sua habilidade como leitora, e para que ele se destaque como leitor competente se faz necessário que seja capaz de selecionar textos que venham atender suas necessidades. Visto que alguns educandos sintam-se desconfortáveis, por não conseguirem realizar com sucesso a tarefa de ler um texto, algumas condições devem ser viabilizadas para prática de ensino da leitura.

Segundo os PCNs. “Deve-se ter clareza dos diversos tipos de leitura, com objetivos diferentes, sendo inadequado, portanto, o tratamento uniforme para leitura de todos os textos.

Apresentaremos e comentaremos a seguir algumas *sugestões de condições favoráveis ao trabalho de formação de leitores*: (PCNs- 2007. P. 36-37)

- Existência de uma biblioteca à disposição dos educandos, inclusive para empréstimo, textos de gêneros variados, materiais de consulta nas diversas áreas do conhecimento – jornais, revistas, entrevista;
- Organização pelo professor de momentos de leitura livre, em que o próprio educando leia, criando um círculo de leitura, em que se fala sobre o que se leu, trocam-se sugestões, aprende-se com a experiência do outro;
- Planejamento pelo professor de atividades regulares de leitura, assegurando que tenham a mesma importância dada às demais atividades. Nessas atividades, a leitura por si só já representa um trabalho, não sendo necessário que a cada texto lido se siga um conjunto de tarefas a serem realizadas.
- Organização da escola em torno de uma política de formação de leitores, envolvendo toda comunidade escolar. Mais que a mobilização para aquisição e preservação do acervo, é fundamental um projeto coerente de todo o trabalho escolar em torno da leitura, em que não apenas o professor de Língua Portuguesa, mas também os professores das demais disciplinas sejam professores de leitura.

Considerando tais sugestões, o professor pode selecionar situações didáticas em que o educando exercite-se na leitura.

Atualmente, nossas escolas são carentes de bibliotecas, um espaço destinado não só aos estudos, mas também ao lazer. Quando planejado pelo docente torna-se um ambiente prazeroso, para realização de leituras, entretanto para que nossos jovens adquiram o

hábito de frequentar uma biblioteca e desempenhem o processo que os tornem bons leitores e conseqüentemente possuam a facilidade da comunicação, faz-se necessário que haja interação ou procedimentos que possam ajudá-los nos seus cotidianos procurando dar início por situações mais próximas de seus cotidianos escolares, para que os mesmos venham a ser excelentes leitores.

1.6 DIDÁTICAS ESPECÍFICAS PARA FORMAÇÃO DE LEITORES

O professor, conhecendo o grau de conhecimento do educando, pode selecionar algumas situações didáticas permitindo ao aluno praticar leituras de gêneros, que já são de seu conhecimento, fazendo com que ele venha a ter um excelente desempenho e na medida do possível desenvolva o hábito pela leitura e venha a conhecer novos gêneros, expandindo seus conhecimentos.

Eis algumas sugestões didáticas orientadas especificamente para formação de leitores.

- Leitura Autônoma – dá a oportunidade ao educando de fazer leitura silenciosa de textos para os quais já tenha desenvolvido certa capacidade e com a ajuda do docente o educando adquira confiança e passe a aceitar desafios mais complexos (PCNs, 2007, p. 37).
- Leitura Colaborativa – o professor lê o texto com a classe, indagando aos educandos sobre os índices linguísticos que dão sustentação aos sentidos atribuídos. Aos educandos depende, exclusivamente, da compreensão crítica do texto, ou seja, a leitura como uma situação efetiva de interlocução. Nesse sentido, é necessária, com base nas pistas linguísticas dos textos, a observação de procedimentos:
 - A) Recuperação do contexto e de produção de texto (identificação da autora, do suporte);
 - B) Exploração das estratégias de compreensão, com a formulação de questões que contemplem os seguintes aspectos: antecipação de conteúdo dos textos, a comparação de informações ou ponto de vistas, questões de títulos, parágrafos, resumo, etc.;
 - C) Exploração de textualidade e questões que complementem *recursos linguísticos* (variação linguística, processos coesivos, estéticos e literários) e *aspectos enunciativos* (exploração da intertextualidade explícita (citação, referência resumo, tradução) e *implícita* (paráfrase, paródia, ironia) (PCNs, 2007, p.27).
- Leitura Programada é uma situação adequada para discutir coletivamente um título considerado difícil para os educandos, permitindo reduzir em parte a complexidade da tarefa, compartilhando a responsabilidade. O professor segmenta a obra em partes, propondo a leitura sequenciada de cada um deles. Outra prática da leitura programada pode ser desenvolvida de forma diversificada e gradativa com o suporte do jornal;
 - Socialização das diferentes seções e cadernos;
 - Explanação das temáticas (lazer, economia, política, etc.);
 - Distinção entre matérias assinadas (reportagens, artigos de opiniões);
 - Identificação de quem fala nas notícias, reportagens (governo, instituições, políticos, especialistas) (PCNs, 2007, p.39).

- Leitura Espontânea é uma situação didática proposta com regularidades para desenvolver o comportamento do leitor (atitudes e procedimentos desenvolvidos pelo leitor assíduo, como formação de critérios para seleção de material a ser lido, rastreamento de obras de autores preferidos). Nessa situação, os educandos escolhem o que desejam ler, relatam suas impressões, comentam o que pensam, o que gostou e sugerem até outros títulos do mesmo autor ou do mesmo tema (PCNs, 2007, p.40).

Portanto, estudos comprovam que são uma minoria de nossas crianças que tem o gosto pela leitura sem ser imposta, quer seja pelos seus familiares ou professores. Sendo assim o educando só será um leitor hábil e crítico quando mostrar-se capaz de expor seu ponto de vista e construir sua própria opinião sobre determinado contexto.

2. A ESCRITA NO ENSINO MÉDIO

2.1 COMPREENDENDO A PRODUÇÃO TEXTUAL

Segundo Pedro F. Francelino, quando se aborda o tema da produção de textos, uma tese corrente no campo dos estudos em linguagem é a de que ela é uma prática presente no cotidiano das pessoas, desde em situações espontâneas e rotineiras de uso da língua até as mais formais. Em diversas esferas da comunicação e em diferentes instâncias de interação, como no lar, na escola, no trabalho, dependendo do propósito comunicativo, as pessoas produzem textos em variados gêneros, quando escrevem bilhetes, avisos, *e-mails*, cartas; quando preenchem cheques, recibos, formulários; quando realizam exposições orais, como sermões, palestras, conferências etc.

Porém, no espaço escolar, ou seja, quando consideramos a prática de produção textual em sala de aula, em situação pedagógica de ensino aprendizagem, encontramos questões um tanto complexas, que envolvem aspectos linguísticos, cognitivos, discursivos, interacionais etc. Por se tratar de práticas de produções textuais (por mais que o professor forneça para o aluno uma situação própria, a produção textual não apresentará um caráter real), pois o professor precisará de variáveis que envolvam a contextualização incluindo fatores motivacionais, emocionais e outros.

Neste capítulo, ao buscarmos refletir sobre o aprendizado de produções de textos orais e escritos no ensino da língua portuguesa, deparamos com diversas dificuldades do ensino dessa prática pedagógica em ambientes escolares, apesar de já termos evoluído através de estudos, de contribuições escritas, e de informações sociointeracionistas na área da linguagem para o trabalho com a produção de textos nas nossas escolas. Veremos a importância da noção de gênero textual. Na produção da escrita em documentos oficiais brasileiros, além da avaliação do ensino e a produção do texto, como os Parâmetros Curriculares do Ensino Médio - de agora em diante PCNEM e ENEM, respectivamente. Nomearemos como fundamental na abordagem teórica aspectos referentes a estudos na área da linguagem, considerando como interesse de interação, usualmente, o que denominamos de sociointeracionista, ou seja, uma forma de estudar a língua e seus fundamentos na filosofia da linguagem desenvolvida por Bakhtin:

A verdadeira substância da língua não é construída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela comunicação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. (BAKHTIN/VOLOCHINNOV, 1999, p. 123)

Dessa forma trabalhos com textos apresentam resultados positivos, ou melhor, satisfatórios, por não se limitar apenas aos aspectos formais, mas concebe a linguagem em sua dimensão sócio- discursiva, analisando os aspectos de sua realização necessária à produção de sentidos, todavia a linguagem nesse âmbito será vista não em seu produto, mas em desempenho, como um ato de interlocução, nos argumentos em que é apresentada, nas redes de interações entre indivíduos sócios- historicamente centrados.

2.2 REFLEXÃO SOBRE O ENSINO DA PRODUÇÃO DE TEXTO NA VISÃO TRADICIONAL

Estudiosos brasileiros, numa perspectiva tradicional de estudo da língua portuguesa, proporcionam uma discussão instigante acerca do ensino da produção de textos. Veremos alguns dos pontos relacionados ao tema, que ainda perdura nas práticas pedagógicas das escolas. Entretanto, buscaremos algumas contribuições baseados em alguns desses autores que se debruçaram sobre o assunto a partir de uma visão sociocognitivista, sociointeracionista e discursiva da linguagem, como Kleiman, Koch, Marcuchi, Antunes, Geraldi, dentre outros. No entanto, para tais autores a língua é uma instância de interação social, em que o indivíduo poderá colaborar para uma construção de significados, nos aspectos cognitivos, sociais, históricos e culturais. O trabalho com a escrita voltado para este parâmetro apoia-se em diversos métodos, tal como a afinidade entre interlocutores e os papéis sociais ocupados por esses indivíduos em redes sociais, o contexto sócio histórico de produção, os gêneros textuais /discursivos etc.

Antunes (2003) esclarece alguns problemas que se repetem em trabalhos com a escrita nas escolas. São eles:

- I) Uma prática de escrita que desconsidera a participação ativa do sujeito usuário da língua no processo de aquisição da representação gráfica da língua. Esse aspecto revela uma postura interventiva por parte do professor que não permite ao aluno testar suas hipóteses acerca de sinais da língua escrita. Na avaliação do texto, por exemplo, o professor elimina os registros considerados por ele, errados, sem se preocupar com a imagem que o aluno faz do registro linguístico em aprendizagem;
- II) Uma prática de trabalho com a escrita como atividades mecânica, cuja principal preocupação é com o desenvolvimento motor do aluno, com a caligrafia, com o registro dos sinais gráficos e com a memorização das normas da convenção ortográfica vigente. Escrever, para muitos professores, significa o domínio, por parte do aluno, desses procedimentos;
- III) Uma prática de produção textual distanciada da realidade sócio - histórica e cultural em que ocorre a comunicação. Não se consideram no ato de escrever, os sujeitos envolvidos na interação (locutor e interlocutor /es), o propósito comunicativo, as formas estáveis em que a comunicação se efetiva, ou melhor, os gêneros de texto/discurso, sem articulação com o universo social em que o processo ocorre;
- IV) Um trabalho com escrita como pretexto para exercício de aspectos estritamente linguísticos, como “[...] separação de sílabas, de reconhecimento de dígrafos, encontros vocálicos e consonantais e outros inteiramente adiáveis”. (ANTUNES, 2005, p. 27)

- V) Por fim uma abordagem do texto sem preocupação com as etapas de sua construção, como o planejamento e a revisão.

Então, diante das formulações mencionadas, compete ao aluno escrever um texto de uma forma fixa, ou melhor, um texto dissertativo, com tempo definido e endereçado a alguém (ao professor), também poderíamos acrescentar nesta fase de elaboração do texto que o aluno já traz consigo textos prontos de forma fundamentada. Esse procedimento nos proporciona um trabalho avaliativo referente ao texto produzido, que na maioria das vezes o professor deverá rever toda a produção textual e analisando os elementos linguísticos, a valorização da norma culta, coesão e coerência.

Podemos tecer algumas considerações pertinentes sobre os trabalhos de produções textuais em sala de aula, pois a escola comete algumas falhas no padrão de ensino que adota; auxiliar como objetivo final o domínio da norma culta, defendendo como registro exclusivo e legítimo, o de proporcionar uma visão errônea do que seja a norma culta, enfim o de como utilizar normas gramaticais em relação à oralidade e a escrita de produções textuais. Então, faz-se necessário que o docente busque inovar suas práticas pedagógicas, para que possamos formar cidadãos formadores de opiniões.

Segundo Brito, em relação à escrita de textos, um dos principais problemas identificados é;

A) A valorização da norma culta e da escrita, bem como a insistência nas regras de exceção no ensino da norma, ao invés do privilégio da regularidade, com o conseqüente abandono da forma e o preconceito da oralidade.

B) a descontextualização e a falta de sentido nas atividades de leitura e produção de texto. (BRITO, 1997, P. 103)

Para tanto, no primeiro caso ocorre a valorização da norma culta, que está articulada à escrita, devendo todos os demais registros linguísticos ser considerados errados e estes corrigidos pela e na escola.

Apesar das contribuições cognitivas que a escola oferece, ela vem fracassando na missão de persistir e promover o desenvolvimento de habilidades linguísticas e cobrar de seus educando, tornando uma postura discriminatória.

Insistir na superioridade da norma culta, entendida não como a que se fala, mas sim como a que se quer que se fale, em consequência, no seu uso privilegiado ou exclusivo, inclusive na escola, é uma forma perversa de exclusão. (BRITO, 1997, p. 107)

Segundo Brito, há uma excessiva preocupação com a apresentação da norma, com ênfase na correção de pontos gramaticais, como ortografia, concordância e regência. Nesse sentido, o trabalho com a escrita é direcionado para fixação da norma, das regras

“aprendidas”. Essa prática acaba caracterizando a redação como um gênero escolar, marcada pela escrita de textos dissertativos, narrativos e descritivos, ou seja uma prática desvinculada da realidade.

Sendo assim, o aluno que produz seu texto para o professor de forma dissimulada, levando em consideração que em um futuro próximo, ele irá escrever da maneira como exercitou na escola, no entanto essa prática não irá inserir o aluno como sujeito de linguagem e tampouco como sujeito autor de seus textos.

Na produção de texto escolar, é o aluno que ocupa o lugar sócio histórico, que escreve para um interlocutor determinado por esse lugar, que nada mais é a figura do professor. Segundo Geraldi (2006), para que essa problemática possa ser revista, se faz necessário uma mudança, pois:

Dele [do aluno] precisamos nos tornar interlocutores para, respeitando-lhe a palavra, agirmos como reais parceiros: concordando, discordando, acrescentando, questionando, perguntando, etc. Note-se que, agora, a avaliação está se aproximando de outro sentido: aquele que apontamos em relação ao uso que efetivamente, fora da escola, se faz da modalidade escrita. (GERALDI, 2006, P.128-129)

Para que tenhamos uma prática pedagógica eficiente faz-se necessário que considere um dos princípios básicos para produção textual que é estabelecer uma interlocução real e concreta, na qual os sujeitos sejam verdadeiros produtores de linguagem e que contribuam para o favorecimento das competências e habilidades linguísticas, sobre tudo que seja relacionado à modalidade da escrita.

2.3 PERCEPÇÕES SOCIOCÓGNITIVA E SOCIOINTERACIONISTA DE ESCRITA

No dia a dia, fazemos uso da escrita para nos comunicar, através dos mais variados suportes de interlocuções, quer seja na escola, no nosso trabalho e até mesmo como entretenimento, ou seja, desde as situações mais simples, como por exemplo: uma lista de compras, bilhetes, avisos, cartas e outros, como também existem as situações mais complexas, como artigos científicos, resenhas, documentos judiciais etc.

Atualmente, a tecnologia também tem dado sua contribuição em relação à escrita, no que diz respeito aos suportes, como; *face book*, *Messenger*, *whatsap* e outras redes de relacionamentos. Então, segundo Koch e Elias (2009, p.31), “a atividade de escrita envolve aspectos de natureza variada linguística, cognitiva, pragmática, sócio histórico e cultural”. Sendo assim, faz-se necessário que o professor explique os pontos aqui mencionados para que haja um entendimento acerca da prática da escrita no cotidiano, ou seja, é preciso ter o conhecimento das concepções de linguagem, que poderão dar suporte para uma melhor compreensão dessa prática no dia a dia do indivíduo.

Uma das concepções de escrita, que ainda é disseminada no cotidiano escolar, é o estudo focado na língua materna, em que o aluno deve apenas ser conhecedor do vocabulário e de algumas normas gramaticais, através de exercícios de gramática, treinos ortográficos e frases de forma descontextualizada, sem nenhuma perspectiva para a aprendizagem do estudo de textos. Sendo o texto um produto de codificação-decodificação, mediante a tal circunstância é necessário que o interlocutor conheça exclusivamente o código de que ele utiliza.

Outra concepção de escrita é a que está voltada para o escritor junto a sua produção literária, ou seja, ele expressa suas ideias sem levar em considerações as experiências e o conhecimento de mundo do indivíduo e tampouco a situação sociointerativa em que a comunicação se coloca. Então, a concepção de linguagem que norteia essa perspectiva é a expressão e representação do pensamento, ou seja, o indivíduo possui domínio da situação de se comunicar, “dono e controlador de sua vontade e de suas ações” (KOCH e ELIAS, 2009, P.33).

Finalizando, existe uma outra concepção de escrita que é a interação, em que o escritor e o leitor são co-participantes e colaboradores do processo comunicativo, onde a linguagem será vista de modo que haja um espaço para o indivíduo constituir seu ponto de vista. Assim, o texto compreende aspectos linguísticos, cognitivos, sociais e interacionais. Essa concepção amplia a compreensão alcançada pelo indivíduo, uma vez que fatos extralinguísticos são considerados como conhecimentos prévios, mobilizando estratégias interativas de produção de sentidos. São elas:

- A ativação de conhecimento sobre componentes da situação comunicativa;
- Seleção, organização e desenvolvimento das ideias, de modo a garantir a continuidade do tema e sua progressão;
- “Balanceamento” entre informações explícitas e implícitas; entre informações “novas” e “dadas”;
- Revisão da escrita ao longo de todo o processo. (KOCH e ELIAS, 2009, p. 34).

Então, tais considerações demonstram que na concepção sociointeracionista/dialógica de linguagem/língua, o indivíduo faz parte do processo interlocutivo, pois são participantes como atores/construtores sociais, sujeitos ativos que constroem e são construídos no texto.

[...] a escrita é um trabalho no qual o sujeito tem algo a dizer e o faz sempre em relação a um outro (o seu interlocutor / leitor) com um certo propósito. Em razão do objetivo pretendido (para que escreve?), do interlocutor / leitor (para quem escreve?), do quadro espaciotemporal (onde? quando?), e do suporte de veiculação, o produtor elabora um projeto de dizer e desenvolve esse projeto, recorrendo a estratégias linguísticas, textuais, pragmáticas, cognitivas, discursivas e interacionais, vendo e revendo, no próprio percurso da atividade, a sua produção. (KOCH/ ELIAS, 2009, p.36).

Segundo, os autores Koch e Elias para produzir textos faz-se necessário que o sujeito possua conhecimentos, da língua, de mundo, de texto e o das práticas interacionais. O *conhecimento da língua materna*, em que o sujeito em sua produção textual apresente o domínio da ortografia, da gramática e dos vocábulos adquiridos no meio social e de forma sistematizada na escola, pois sem estes conhecimentos o processo comunicativo não se efetiva. O *conhecimento de mundo* é aquele que adquirimos ao longo de nossas experiências e vivenciamos, este conhecimento abrange nossos comportamentos na sociedade (escolas, grupos de amigos etc.) e em situações não necessariamente institucionais, como a internet. O *conhecimento de textos* circulam socialmente em espaços e momentos diferentes da história e às vezes, com propósitos comunicativos e orientações discursivas diferentes. Segundo o princípio dialógico da linguagem, defendida pela perspectiva sociointeracionista, os enunciados /textos são como fios de uma grande rede, que se entrelaçam e estabelecem relações variadas de sentido.

O enunciado existente, surgido de maneira significativa num determinado momento social e histórico, não pode deixar de tocar os milhares fios ideológicos existentes, tecidos pela consciência ideológica em torno de um dado objeto da enunciação, não pode deixar de ser participante ativo do diálogo social. (Bakhtin, 1999, p. 86)

E por fim o *conhecimento das diferentes situações de interação*, é nesse conhecimento que se faz necessário, que o sujeito ponha em prática todo conhecimento sobre a forma de como se dão as interações em uma determinada sociedade. Conforme Koch e Elias (2009, p. 44-52), é baseado em conhecimentos interacionais que nesse sentido o sujeito produtor:

- A) Configura na escrita a sua intenção, possibilitando ao leitor reconhecer o objetivo ou propósito pretendido no quadro interacional desenhado;

- B) Determina a quantidade de informação necessária, numa situação comunicativa concreta, para que o leitor seja capaz de reconstruir o objetivo da produção do texto;
- C) Seleciona a variante linguística adequada à situação de interação;
- D) Faz a adequação do gênero textual à situação comunicativa;
- E) Assegura a compreensão da escrita para conseguir a aceitação do leitor, utilizando-se de vários tipos de ações linguísticas configuradas no texto, por meio da introdução de sinais de articulação ou apoio textuais, atividades de formulação ou construção textual.

Portanto, o modelo e o domínio de interação é bastante acentuada nas interações, interferido nas opções dos gêneros, dos estilos e do léxico a ser aplicado em fatores diferenciados, assim compete ao professor procurar inovar suas práticas e repassar para seus educandos fazendo deles cidadãos formadores de opiniões.

2. 4 OS GÊNEROS TEXTUAIS DO DISCURSO

O estudo dos gêneros constitui hoje uma das preocupações centrais da Linguística Textual, particularmente no que diz respeito à sua localização no *continuum* fala / escrita, às opções estilísticas que são próprias e à sua construção composicional, em termos macro e micro estruturais.

Os PCNs orientam nesse sentido ao afirmarem:

“Todo texto se organiza dentro de um determinado gênero (...). Os gêneros existentes, por sua vez, constituem formas relativamente estáveis de enunciados, disponíveis na cultura, que são caracterizados por três elementos: conteúdo temático, estilo, e construção composicional. Podendo ainda afirmar que a noção de gênero refere-se a “famílias” de textos que compartilham algumas características comuns, embora heterogêneas, como: visão geral da ação à qual o texto se articula, tipo de suporte comunicativo, extensão, grau de literariedade, por exemplo existindo em número quase ilimitado. Os gêneros são determinados historicamente. As intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos, geram usos sociais que determinam os gêneros, os quais dão forma aos textos” (PCNs, 1998)

E em que se funde esta conceituação:

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana [...]. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo temático e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua - recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais - mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. (Bakhtin, 1979, [1953] p. 179).

Assim sendo, os enunciados se fundamentam em formas padrão e relativamente estáveis de estruturação de um todo, os gêneros que estão relacionados culturalmente, estes estão diretamente ligados a diferentes situações sociais e é cada uma dessas situações que determinam o gênero, com características composicionais e estilísticas próprias. Uma vez que a língua possui esferas heterogêneas, então os gêneros herdaram essa heterogeneidade, desde o diálogo cotidiano à tese científica. Por essa razão, Bakhtin difere os gêneros primários dos secundários.

É interessante acentuar que a concepção de gênero de Bakhtin não é estática, ao contrário, é como qualquer outro produto social, os gêneros estão sempre sujeito a mudanças, oriundos não só das transformações sociais. Um indivíduo ao decidir escrever um texto necessitará de desenvolver suas competências, desde o início, ou seja, desde a escolha do gênero a ser desenvolvido, como à organização sequencial dos conteúdos abordados, à seleção de mecanismos de textualização (seleção lexical, coesão textual, tempos e modos verbais, e etc.), os mecanismos enunciativos (uso de elementos modalizadores, diferentes pontos de vista na textualização, e etc.) e ações de escrita (ortografia, acentuação, período, parágrafo e etc.). O indivíduo escolherá no intertexto o gênero específico mais adequado a situação para desenvolver.

O intertexto é formado pelo conjunto de textos elaborados por gerações anteriores, podendo ser utilizados em uma situação específica, com eventuais transformações, e ao

qual se vão acrescentando novos gêneros, à medida que surgem novas práticas sociais. Por isso, ao escolher o tipo de gênero deve se levar em conta seus objetivos, o ambiente social e ainda os papéis dos participantes. Além disso, o sujeito deve procurar adaptar o modelo do gênero, procurando um estilo próprio, ou então contribuindo para a estável modificação de exemplares de gêneros. Então, cabe ao produtor escolher dentre a tipologia textual, o gênero que lhe convier no momento adequado, tendo em vista a diversas situações, pois produzir um texto exige uma linha decisiva como podemos observar a seguir as sequências disponíveis para o esboço; narrativo, injuntivo, descritivo, argumentativo, dialógico etc. Entretanto os PCNs recomendam aos docentes trabalharem nas salas de aulas oficinas utilizando a maior variedade de gêneros textuais, e em particular aqueles em que os educandos necessitam dominar. Então, cabe ao professor orientar aos educandos que eles não necessitam apenas dominar conhecimentos específicos e vivenciados no interior da sala de aula, mas será de fundamental importância que precisem ser organizados, para efeito de produção de conhecimentos, para que tenhamos leitores proficientes, autônomos e críticos e que possam ampliar suas habilidades com foco nas atividades em seu cotidiano com uma maior influência no contexto social.

2. 5 COESÃO E COERÊNCIA NA PRÁTICA DE PRODUÇÃO TEXTUAL

Segundo Koch (2008, p. 195). Coesão e coerência são recursos que permitem sinalizar os dois grandes movimentos cognitivos- discursivos que presidem a construção da trama textual: retroação (retomada de elementos previamente introduzidos no texto) e progressão (introdução de informação nova, com ancoragem nos elementos previamente introduzidos). É como ocorre na atividade de tricotar ou de tecer – daí a denominação de tessitura.

Então, os estudos dos recursos coesivos têm sido uma das tônicas de pesquisas realizadas por estudiosos no campo linguístico textual. Portanto, tem-se muito a dizer sobre as pesquisas e a ela compete buscar explicações indispensáveis para o professor de língua materna, muitas vezes despreparada para enfrentar às novas exigências dos documentos oficiais. É ela ainda que pode dar respaldo aos professores no encaminhamento das atividades de análise linguística, trabalho denominado, nos PCNs, *“Análise e Reflexão sobre a Língua”*, *“cujo o objetivo principal é melhorar a compreensão e expressão dos alunos, em situações de comunicação tanto escrita como oral”*. Koch (2008, p.195).

Quanto à coerência, as contribuições da Linguística Textual são fundamentais no tocante à adequação e compreensão do conceito, como para a avaliação em termos de leitura e produção textual. Deste modo, a coerência é vista como um instrumento que trata da conexão harmoniosa, permitindo uma sequência lógica-semântica entre as partes de um texto, que podem ser: frases, períodos e parágrafos.

Para os PCNs, (2007, p.40 / 41). “Produzir um texto com coerência e coesão não é um dom exclusivo de uma minoria seleta, mas uma capacidade de todo indivíduo escolarizado, se lhe são dadas as condições de ensino e aprendizagem adequadas”. Para isso, é preciso que o professor tenha clareza sobre o que faz sentido no ensino do texto escrito, de modo a não se perder em atividades pouco eficazes como, por exemplo, foco excessivo na forma em detrimento de ideias coesas e coerentes, que geralmente fazem o educando se calar. Correções formais precoces comprometem o processo de pensamento e associação de ideias. As correções devem e podem estar presentes, mas depois que o educando descobre o que tem e o que quer dizer sobre um dado tema, e não no momento de formulação, associação, organização de ideias e produção de sentido.

No entanto, serão apresentadas algumas reflexões para subsidiar o trabalho do professor em relação à prática de produção textual, no que tange a coesão e a coerência.

- *Presença de diversidade textual e textos de circulação social como referência (...)* é necessário que o educando entre em contato com exemplares de textos representativos desse mesmo gênero de referência. Há necessidade de que o educando tome consciência das situações particulares de comunicação escrita, segundo o objetivo que pretende alcançar (convencer, explicar, divertir); o leitor do texto (pais, autoridades, professores).
- *Orientação por meio de comandos explícitos para produção de texto (...)* além do tema, quatro elementos necessários para o trabalho de orientação para a produção de textos escritos – finalidade, especificidade do gênero, lugares preferenciais de circulação e interlocutor eleito.
- *Correção e encaminhamento das aulas de análise linguística (...)* ao invés de uma correção restrita à identificação de erros pontuais, o professor-corretor assume o papel de leitor atento do texto do educando (PCNs 2007, p. 40/43).

Conforme as reflexões elencadas acima para subsidiar o professor percebem-se que os professores devem valorizar mais as aulas sobre a escrita, buscando meios para inovar suas práticas pedagógicas, como; disponibilizar com antecedência situações de comunicações definidas, ou melhor, procurar planejar o que irá expor para seus educandos, para que dados os comandos ao educando, sobre a atividade que ele irá produzir deixe-o situado em relação ao contexto de produção do gênero solicitado, ou seja, que sejam definidos os parâmetros que podem exercer influência sobre a forma de como um texto se organiza e por fim a leitura pelo professor-corretor que é de importância fundamental, para que o mesmo possa verificar se o texto está confuso, ambíguo, redundante. Ou seja, é capaz de revisá-lo e considerá-lo satisfatório e promover o educando.

Pode-se verificar através dos PCNs (1998, p. 66/67), que para aprender a escrever é necessário ter acesso à diversos textos escritos testemunhar a utilização que se faz da escrita em diferentes circunstâncias, defrontar-se com as reais questões que a escrita coloca a quem se propõe produzi-la, arrisca-se a fazer como consegue e receber ajuda de quem já sabe escrever. Sendo assim, o tratamento que se dá à escrita na escola não pode inibir os alunos ou afastá-los do que se pretende; ao contrário, é preciso aproximá-los, principalmente quando são iniciados “oficialmente” no mundo da escrita por meio da alfabetização. Afinal, esse é o início de um caminho que deverão trilhar para se transformarem em cidadãos da cultura escrita.

Se o objetivo é formar cidadãos capazes de utilizar a escrita com eficácia, que tenham condições de assumir a palavra – também por escrito – para produzir textos adequados, é preciso organizar o trabalho educativo para que experimentem e aprendam isso na escola. É necessário, portanto, ensinar os alunos a lidar tanto com a escrita da linguagem – os aspectos notacionais relacionados ao sistema alfabético às restrições ortográficas – como com a linguagem escrita – os aspectos discursivos relacionados à linguagem que se usa para escrever. Para tanto é preciso que, tão logo o aluno chegue à escola, seja solicitado a produzir seus próprios textos, mesmo convencional que saiba grafá-los, a escrever como lhe for possível, mesmo que não o faça de forma. PCNs (1998, p. 68).

Então, é de fundamental importância que o docente planeje práticas pedagógicas inovadoras para empregar como uma ferramenta de reflexão, porque é de fundamental importância que a escrita deixe de ser um objeto de avaliação e também que nossos alunos se apropriem da escrita e ponham em prática de forma adequada prazerosa. Pois nós docentes somos sabedores que produzir um texto é para nossos educandos uma das ações pedagógicas extremamente desagradável, pois uma maioria não tem o hábito da prática da leitura, pois a leitura como prática cotidiana é um exercício motivacional para a prática da escrita, sabemos e já foi constatado que o hábito de ler em nosso país não representa uma tradição, por isso que costumamos falar que a leitura torna o indivíduo mais intelectual.

2.5 A ESCRITA NA PERSPECTIVA SOCIOINTERACIONISTA: IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO

Segundo Antunes (2003), ao tratar da escrita na perspectiva sociointeracionista, tem-se princípios norteadores da prática docente no tratamento desse objeto de ensino. Apresentaremos, de maneira sucinta, cada um deles.

A escrita, como toda atividade interativa, implica uma relação cooperativa entre duas ou mais pessoas. De acordo com esse princípio, assim como na fala, a escrita pressupõe um interlocutor. O produtor de um texto dirige-se a alguém a quem pretende comunicar uma ideia, um ponto de vista, ou seja, alguém com quem vai interagir. Nesse processo, alguns aspectos são indispensáveis, como: o conteúdo, um vocabulário amplo,

compatível com universo linguístico em que a interação se estabelece, para citar apenas alguns dos elementos mais importantes.

A escrita, na diversidade de seus usos, cumpre funções comunicativas socialmente específicas e relevantes. A escrita, considerada uma modalidade de uso da língua, presta-se a diferentes funções comunicativas, uma vez que está presente na vida dos sujeitos, em suas mais variadas atividades: no trabalho, na escola, na igreja, na família etc. Nesse sentido a escrita está intimamente relacionada às atividades que esses indivíduos desenvolvem em suas esferas de atuação. “Pela escrita alguém informa, avisa, adverte, anuncia, descreve, explica comenta, opina, argumenta, instrui, resume, documenta, faz literatura, organiza, registra e divulga o conhecimento produzido pelo grupo. Antunes”, (2003, p. 48).

A escrita varia, na sua forma, em decorrência das diferenças de função que se propõe cumprir e conseqüentemente, em decorrência dos diferentes gêneros em que se realiza. Segundo esse princípio, os textos de gêneros variados apresentam diferenças decorrentes dos diversos objetivos que se pretende alcançar e em virtude das variações em sua superestrutura, em sua organização, evidenciando, assim, a sua natureza flexível, variável, mutável.

A escrita supõe condições de produção e recepção diferentes daquelas atribuídas à fala. Diferentemente da fala, em que a interação ocorre face a face e o discurso vai sendo produzido paralelamente ao planejamento, na escrita, a recepção dos textos se dá em momento diferenciado do da fala. Há uma assimetria temporal que separa dois momentos distintos dessa interação. Na verdade, o que ocorre é que o autor tem mais tempo, no caso da escrita, para elaborar seu texto, incluindo as etapas do planejamento, formulação e revisão.

A escrita compreende etapas distintas e integradas de realização (planejamento, operação e revisão), as quais, por sua vez, implicam da parte de quem escreve uma série de decisões. A formulação de um texto constitui um processo que abrange diferentes momentos. O primeiro é o planejamento, em que o indivíduo define o tema, os objetivos, o gênero e as condições de circulação, incluindo o registro de linguagem. O segundo corresponde à operação do ato de escrever, de materializar as ideias no papel, responsabilizando-se pelas escolhas lexicais e combinação dessa relação no plano sintático-semântico do texto. Por fim, a etapa da revisão, em que o produtor avalia se o objetivo foi cumprido em todos os aspectos da produção textual. As etapas acima mencionadas são de fundamental importância nessa perspectiva de trabalho. Diz Antunes:

A natureza interativa da escrita impões esses diferentes momentos, esse vaivém de procedimentos, cada um implicando análises e diferentes decisões de alguém que é sujeito, que é autor de um dizer e de um fazer, para outro ou outros sujeitos, também ativos e cooperantes. (ANTUNES, 2003, p. 56).

Diante dessas concepções sociointeracionista de linguagem e por conseguinte, da escrita, Antunes apresenta algumas implicações pedagógicas para o trabalho

desenvolvido em sala de aula. Vejamos: Uma escrita de autoria dos alunos. Uma escrita de textos socialmente relevantes. Uma escrita funcionalmente diversificada. Uma escrita de textos que têm leitores. Uma escrita contextualizada adequada. Uma escrita metodologicamente ajustada. Uma escrita orientada para coerência global e não apenas para aspectos da superfície linguística do texto. Uma escrita adequada também em sua forma de se apresentar, e também acrescenta, respectivamente, a título de sugestão, um inventário de gêneros textuais escritos que faz parte do cotidiano dos professores de língua portuguesa. Como por exemplo: Listas (de materiais, de livros, de assuntos estudados, de eventos realizados etc.); Programações de atividades curriculares e extracurriculares. Convites; Avisos; Cartas de todos os tipos; Anotações de ideias básicas de textos informativos; pequenas narrativas (criadas ou recriadas a partir de outras lidas); Conclusões de debates; Informações sobre a cidade, o bairro, a escola, eventos; Cartazes (com motivos diversos, inclusive motivos publicitários); Instruções diversas; Resultados de consultas bibliográficas, de pesquisas de campo; Esquemas, resumos, sínteses, resenhas (de filmes, de jogos, de livros, de peças teatrais etc.); Relatórios de experiências ou atividades realizadas; Solicitações; Requerimentos; Atas; Saudações; Poemas; Mensagens eletrônicas etc.

Entretanto, as implicações pedagógicas e o inventário organizado por Antunes dão suporte a uma prática pedagógica da escrita, fundamentada na perspectiva sociointeracionista de linguagem, que contemplam diversos aspectos hierárquico que vão desde extralinguístico ao formal. Entretanto, as pesquisas sobre as práticas pedagógicas com produção textual em aulas de Língua Portuguesa exigem, segundo as perspectivas sociocognitivista e interacionista da linguagem, um pouco mais de amadurecimento por parte dos professores, no que diz respeito aos objetivos a serem alcançados junto aos alunos e que para conseguir se faz necessário que essa prática seja real, ou melhor, é indispensável compreender o que os alunos escrevem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa buscou-se um intercâmbio entre o educando e o professor, de modo que o exercício da leitura e da escrita aqui mencionados cheguem aos nossos educandos de uma forma prazerosa e que não sejam apenas um conteúdo codificado, mas que possam instruí-los, levando-os a um bom entendimento. No entanto, fazemos parte de uma sociedade em que o indivíduo tem que ter o domínio da leitura e da escrita, algo fundamental para que o mesmo possa desfrutar plenamente de sua cidadania, para isto certificando-se da importância da leitura e da escrita, diante de um processo em que o indivíduo encontrará dificuldades em desenvolver suas habilidades enquanto leitor. E para que venha acontecer o desempenho da prática da leitura e da escrita, faz-se necessário que educadores e estudiosos sejam comprometidos com suas práticas

pedagógicas buscando inovar, de maneira que as torne mais viáveis ao indivíduo, estimulando a presença, a discussão, a pesquisa e a confrontação de tudo que se constrói a partir de conhecimentos que poderão estar articulados a suas experiências e vivências culturais, tornando sua aprendizagem mais prazerosa, e sendo ciente da importância da leitura e da escrita para formação de um indivíduo. A aquisição de tal ferramenta torna-se imprescindível na compreensão e interpretação textual caracterizando-a pela aquisição dos conhecimentos linguísticos e as inferências presentes nas entre linhas. Entretanto ler não é apenas simplesmente passar a vista sobre as linhas, mas a verdadeira leitura implica em uma análise mais complexa, em que o leitor busque aspectos mais relevantes para o entendimento do que se está lendo.

A aprendizagem da leitura e da escrita se complementam, porém ambas se dão através de processos distintos, pois a escrita se dá por elaboração de hipóteses, enquanto a leitura envolve processos além da decodificação, ou seja, também compreende o campo semântico da aprendizagem. Para tanto as dificuldades no ato da leitura tornam-se um obstáculo não só na vida escolar, mas na vida social, então faz-se necessário estimular a prática da leitura estabelecendo uma relação de afeto e compreensão, fazendo com que o indivíduo entenda melhor o porquê de ler, que ele se perceba como aprendiz, e procure construir um processo de conhecimentos não só no contexto escolar, mas que permita-o transmitir informações para gerações futuras. Sendo assim o educador contribui na formação do indivíduo, para que ele venha a ser um leitor autônomo, que aprecie a leitura nos diversos contextos.

Então, através desta pesquisa ficou evidente que a leitura é mais uma ferramenta útil e necessária para resgatar a aprendizagem de nossos educandos, fazendo que eles percebam o quanto a escola é um ambiente significativo, expressivo de culturas diversificadas de acordo com a realidade de cada indivíduo, abrindo espaço para que todos busquem a construção de novos conhecimentos. Como diz: *“A boa leitura é aquela que nos leva para dentro do mundo que nos interessa a viver”* (FREIRE, 2009, p. 34). Enfim, para que tornem-se sujeitos transformadores de opiniões, capazes de enfrentar as adversidades que a vida venha lhes oferecer. Sendo assim, esperamos que esta pesquisa venha de forma essencial contribuir no processo da aprendizagem de nossos educandos, como também as bibliografias de autores que pesquisaram e nos privilegiaram com contextos que nos remetem a este processo complexo, que necessita de um aperfeiçoamento por parte dos docentes, da escola e dos familiares.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aulas de Português**. São Paulo. Parábola Editorial, 2003.

_____. **Língua, texto e ensino – Outra escola possível**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009 BAKHTIN, Mikhail (Volochnov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais. Língua Portuguesa do ensino fundamental** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC, 1998.

BRITO, Luiz P. Leme. **A sombra do caos: ensino de língua X tradição gramatical**. Campinas. SP. ALB/Mercado de Letras, 1997.

_____. **Parâmetros curriculares nacionais. Língua Portuguesa do ensino médio**
/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC, 2007.

CARJAVAL, P. Francisco. **Ensinar ou aprender a ler e a escrever?** 2ª. Ed. Porto Alegre; Artmed, 1995.

FRANCELINO, F. Pedro. **Linguística aplicada à Língua Portuguesa no Ensino Médio: Reflexões Teórico- Metodológicas.** João Pessoa. Editora UFPB, 2011.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler.** 20ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.

GERALDI, João Wanderlei. **O texto em sala de aula como.** 3ª ed. São Paulo: Ática, 2002.

KLEIMAN, Ângela. **O significado do letramento.** Campinas: Mercado de Letras, 2002.

KOCH, Ingedore G. V.; ELIAS, Vanda. M. **Ler e compreender: os sentidos do texto.** São Paulo: Contexto, 2002.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **As tramas do texto.** Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 2008.

LERNER, Délia. **É preciso dar sentido à leitura.** Nova Escola. São Paulo. Abril, 2002.

MAGALHÃES, Isabel Santos (Org.). **As múltiplas faces da linguagem.** Brasília. Editora Universidade de Brasília, 1996.

MARCUSCHI, Luís Antônio. Leitura como um processo inferencial num universo cultural cognitivo. In: BARZOTTO, Valdir Heitor (Org.), 1999. **Estado da leitura.** São Paulo: Mercado Aberto.

SMITH, Frank. **Leitura significativa.** 3ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura.** 6ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SOUZA, C. Garcia de; Cavéquia, M. Paganini. **Linguagem: Criação e Interação.** São Paulo. Saraiva, 2002.